

ORALIDADE: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO DOCUMENTO PARAMETRIZADOR DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Aguida Pereira de Souza ¹
Maria Gabriela Sousa Soares ²
Maria Mikaelle Ferreira da Silva ³
Silvânia Maria da Silva Amorim Cruz ⁴

RESUMO

Percebendo a necessidade de reflexão acerca do trabalho com a oralidade no contexto escolar da educação básica, referentes aos anos iniciais, fundamental I e fundamental II, pensou-se nesta pesquisa, a qual tem como propósito refletir como a oralidade é abordada no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no ensino de Língua Portuguesa, pensando sobre as práticas de linguagem que nele estão expostas, seus objetivos de conhecimento e as habilidades e competências que devem ser estimuladas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem do discente. Para tanto, como embasamento teórico será utilizado o registro da BNCC, e os estudos de Marcuschi (2001/2005), Bakhtin (1997), Bagno (2002), entre outros. Como resultados, constatou-se a presença do eixo oralidade nessas etapas da educação básica, embora, com a transição de uma etapa para a outra, a ênfase vá sendo dada a outros eixos, como o da leitura e da análise linguística.

Palavras-chave: Oralidade, BNCC, Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, o ensino de Língua Portuguesa focava no trabalho com estudos mais normativos, descontextualizados, fragmentados e isolados, desconsiderando uma abordagem interativa, discursiva e reflexiva. Em meio a essas discussões, cabe aqui acrescentar que os ensinamentos nas aulas de Língua Portuguesa continuam, por vezes, voltados para propostas de decodificação da língua, principalmente para as regras da nomenclatura, deixando de lado a priorização de abordagens e metodologias de oralidade, reflexão e interação.

Alguns docentes buscam trabalhar a língua como um sistema de códigos e não a língua como um ato social, histórico e cultural, sem levar em consideração os gêneros orais e suas abordagens como objeto de ensino, que são tão importantes como os gêneros escritos. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre como a Base Nacional Comum

¹ Graduanda do Curso de **Letras** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, aguidasouza159@hotmail.com;

² Graduanda pelo Curso de **Letras** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gaby.maria35@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de **Letras** da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mikaelle.f@hotmail.com;

⁴ Mestra pelo Proflétras da Universidade de Pernambuco - UF, professorasilvania@hotmail.com.



Curricular – BNCC, aborda a oralidade. Para tanto, a BNCC será o documento basilar dessa pesquisa, além de obras de diferentes autores, como Marcuschi e Bakthin.

Dado o exposto, constatou-se que a BNCC além de confirmar que o ensino dos gêneros orais é parte essencial para a formação do discente, o documento também destaca a importância do trabalho docente, devendo trazer a oralidade de modo sistemático e crítico, pois, embora alguns professores, ainda, tenham a concepção de que a oralidade é mais fácil, porque o estudante já “domina” a fala, essa é uma ideia equivocada, dado que os gêneros orais têm especificidades e particularidades tal qual os gêneros escritos, logo, também precisam ser discutidos e ensinados.

METODOLOGIA

Mesmo o documento da BNCC colocando como destaque para o ensino-aprendizagem o gênero oral, percebe-se a necessidade de pensar sobre essa prática educacional. Partindo desse pressuposto, é necessário analisar a oralidade dentro do registro da BNCC, atentando para suas propostas e práticas educacionais, em outras palavras, o intuito desse trabalho é refletir como é abordado o gênero oral a partir desse aparato.

Com isso, o presente artigo encontra-se em uma pesquisa interpretativa, por se tratar de uma observação documental e de cunho qualitativo, levando em consideração que “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa com o objetivo de relacionar os dados para posterior interpretação. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas” como afirma Prodanov e Freitas (2013, p. 69-70). Sendo assim, será verificada, no documento oficial da educação, qual a proposta de trabalho com a oralidade na educação básica.

Para tanto, o trabalho está dividido em seções, a primeira seção é composta pelo resumo e pela introdução do trabalho, a segunda seção refere-se à fundamentação teórica, na qual será abordado o conceito da oralidade na perspectiva de alguns autores como, Bakthin (1997), Marchuschi (2001/2005). A terceira seção trata da metodologia, logo em seguida vindo a discussão dos resultados, trazendo algumas observações feitas no documento a respeito da oralidade, a próxima seção apresenta a conclusão das observações e por último, as referências que foram utilizadas para fundamentar as discussões desse trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO



Nesta seção será apresentado o documento oficial da BNCC quanto à educação básica e o eixo oralidade, como também algumas ideias que os autores Bakthin (1997), Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2001/2005), entre outros, expressam sobre a referida temática.

Primeiramente, Marcuschi (2005, p. 19) apresenta seus estudos a respeito dos gêneros textuais, orais e escritos, o autor aponta que esses gêneros são considerados “como entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Desse modo, os gêneros textuais estão inseridos no contexto social dos falantes e na comunicação entre eles, de modo a atender as necessidades dos sujeitos, e também de contextos históricos e sociais em suas diversas esferas comunicativas.

Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sociointerativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer sobre o mundo, constituindo-o de um modo. (p.22)

Dessa maneira, compreende-se a importância do trabalho em torno dos gêneros textuais, levando em consideração que em meio a existência de inúmeros textos, o sujeito mobiliza e adapta o uso desses textos, indo de acordo com as suas necessidades e com base no contexto em que estão inseridos.

Com base no exposto, Marcuschi (2005) também considera os gêneros textuais como uma ação social em meio aos processos comunicativos em suas diferentes esferas. O gênero oral e o escrito, por exemplo, são usualmente utilizados pelos falantes como meio para se comunicar com o mundo e também falar sobre o mundo, partindo de práticas interativas. É a partir dessas práticas que os falantes conseguem dialogar, expressar suas ideias e se posicionar criticamente.

Sendo assim, Marcuschi (2001, p. 25) afirma que a “oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados da realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.” Desse modo, o autor busca refletir sobre as adequações que são feitas diante do contexto de uso, essas adequações são refletidas e amadurecidas no ambiente escolar. Apesar de surgirem de forma espontânea e inconsciente, essas ações comunicativas necessitam ser adaptadas de acordo com o contexto sociocomunicativo.

Marcuschi (2001) refere-se ao gênero oral como práticas sociais interativas, em suas diversas formas e possibilidades comunicativas, isso significa que a oralidade permeia por âmbitos formais e informais da comunicação, levando em consideração as necessidades dos falantes em seu contexto social. Como aponta o documento, a oralidade “envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões

envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.” (BRASIL, 2017, p.78-79).

Nessa perspectiva, Dolz e Schneuwly (2004, p.44) também ressaltam em seus estudos que o gênero oral parte de práticas de linguagem encontradas nas atividades de aprendizagens. Segundo Schneuwly (2004) “gênero é a ideia metafórica como mega-instrumento para agir em situações de linguagem”. Partindo desse pressuposto, depreende-se que para entender um gênero é necessário que o sujeito esteja inserido em uma situação comunicativa, esta ideia corrobora com os pensamentos de Bakhtin, no qual o mesmo define o gênero por três dimensões essenciais:

[...] os conteúdos que são (que se tornam) dizíveis por meio dele; a estrutura (comunicativa) particular dos textos pertencentes ao gênero; as configurações específicas das unidades de linguagem, que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. (BAKHTIN, 1997, p. 44)

É nesse sentido que Bakhtin (1997) distingue seus estudos em dois gêneros, o gênero primário e o gênero secundário, o gênero primário afirma que os sujeitos partem de uma comunicação verbal espontânea em que a criança é confrontada nas múltiplas práticas de linguagem. Nessa situação, os gêneros primários estão relacionados às trocas, às interações, ao controle mútuo pela situação, controlando, assim, todo o processo como uma só unidade. Enquanto os gêneros secundários, diferentemente, não são controlados diretamente pela situação e também não são considerados como espontâneos, ou seja, os gêneros secundários aparecem em situações complexas e evoluídas do discurso.

Assim como os gêneros textuais escritos, o eixo da oralidade dar-se por meio de práticas de linguagem em situações comunicativas e interativas, em outras palavras, todos os indivíduos estão inseridos nessas práticas sociais, logo, é através do gênero oral (debate, conversa, discussão, etc.) que se faz as interações sociocomunicativas em nosso cotidiano. Para tanto, assim como Dolz, Pasquier e Bronckart (1993) afirmam que, é necessário que se tenha a noção de capacidades de linguagem, já que, ao se expressar, o indivíduo em uma determinada situação comunicativa precisa de capacidades discursivas que permitam a interação com o outro sem deixar lacunas na enunciação e que, a partir do momento que os sujeitos têm consciência dessa capacidade, eles conseguem criar estratégias para melhor desenvolvimento dessas capacidades.

Nesse sentido, o trabalho de práticas orais também compreende “conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram” (BRASIL, 2017, p. 79).

Levando em consideração o posicionamento dos teóricos mencionados acima, vem à tona a abordagem da BNCC diante dos gêneros textuais, mais especificamente tratando-se das

propostas apresentadas sobre o gênero oral. Nessa vertente, a BNCC é tida como um documento que auxilia no processo de ensino-aprendizagem ao longo das etapas da educação básica, assegurando aos discentes seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades e competências.

Nesse contexto, o documento parametrizador estrutura-se de modo geral em três etapas da educação básica: educação infantil, ensino fundamental I e ensino fundamental II. A etapa I da educação infantil, conhecida também como pré-escolar ou anos iniciais, expressa a separação das crianças com seus vínculos afetivos familiares, para que participem de uma socialização estruturada, abrangendo a dicotomia de cuidar e educar. Partindo desse pressuposto, as creches/escolas têm como objetivo ampliar o universo de experiência, conhecimentos e habilidades dessas crianças, apresentando novas aprendizagens e complementando a educação familiar.

Esse estágio enquadra-se aos eixos estruturantes das práticas pedagógicas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e também se relaciona como fase da aprendizagem por meio da interação e brincadeiras. Essa relação faz com que a criança socialize não só com outras crianças, mas também com os adultos que orientam a aprendizagem, logo, desenvolve as seguintes competências: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, segundo a BNCC.

Diante disso, os campos de experiência presentes nesta primeira fase são: o eu, o outro e o nós (a criança constrói um modo próprio de pensar, agir e sentir); corpo, gestos e movimentos (a criança explora o mundo, espaço e objetos); traços, sons, cores e formas (a criança convive com as diversidades culturais, artísticas e científicas); escuta, fala, pensamento e imaginação (apropriação da língua materna); espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (ampliação do conhecimento físico e sociocultural).

No que se refere ao ensino fundamental I e ao ensino fundamental II, os alunos irão se deparar com desafios ainda mais complexos, pois serão introduzidos eixos que nortearão o ensino de língua portuguesa. Cabe salientar que, durante essa etapa, o documento aponta que o ensino acontecerá por meio de práticas de linguagem, ou seja, eixos: oralidade, análise linguística/semiótica, produção de textos e leitura. Nesse momento, deverão ser desenvolvidas as seguintes competências: compreender a língua como um fenômeno cultural, social e histórico; apropriar-se da linguagem escrita; produção de textos escritos e orais; compreender as variações linguísticas; reconhecer o texto; ler integralmente; envolver práticas de leitura; mobilizar práticas da cultura digital; entre outras.



Portanto, a BNCC expõe estratégias de aprendizagem que devem ser desempenhadas ao longo da educação básica, fazendo com que este documento não seja uma receita pronta e acabada de como devem ser as aulas de língua portuguesa, mas que seja um documento de base assim como o próprio nome já diz base/caminho para o desenvolvimento de competências e habilidades que os indivíduos precisam para tornarem-se sujeitos reflexivos, autônomos, críticos e ativos. Sendo assim, a próxima seção tratará de analisar como se dá a oralidade nas etapas da educação básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, é interessante mencionar que a BNCC apresenta a oralidade como um dos eixos de aprendizagem da educação, de maneira positiva, trata a oralidade como um dos caminhos de aprendizagem para os educandos.

O documento tem como foco o texto e as práticas de linguagem como aprendizagem, por sua vez, o eixo oralidade compreende-se a partir de práticas de linguagem que ocorrem em situação oral e de forma interativa, como, aula dialogada, seminário, debate, entrevista, declamação de poemas, webconferência, entre outros.

O intuito de se trabalhar a oralidade em sala não é só fazer com que o aluno aprenda sobre o gênero, mas também, que os sujeitos consigam fazer uso desse gênero em situações extraescolares. Com isso, o documento ressalta que “neste sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação” (BRASIL, 2017, p.8).

Outrossim, o documento tem como objetivo trabalhar com políticas educacionais, fortalecendo a qualidade do ensino-aprendizagem no ambiente escolar, assegurando aos alunos o desenvolvimento de competências e habilidades gerais, no âmbito pedagógico. Dentre isso, no registro, destaca-se a construção de dez competências e habilidades que se referem à mobilização de conhecimento, práticas cognitivas, atitudes e valores, para resolver situações complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. A BNCC sugere, então, o caderno de educação de direitos humanos (BRASIL, 2017, p. 43),

ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estímulos, ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e também, voltada para preservação da natureza.

Baseando-se nas abordagens do registro, percebe-se que por se tratar de um documento de caráter normativo e que serve de base para o ensino-aprendizagem, muitas vezes, a escola cobra dos docentes o desenvolvimento de todas as competências colocadas pelo documento para cada fase da educação. Mas, como o próprio nome já diz, o registro serve como uma base ou direcionamento para articular aulas de língua portuguesa e de outras áreas, sabendo que, no contexto escolar, os professores e os alunos irão se deparar com situações cotidianas que só o ambiente escolar apresenta, cabendo ao professor despertar nos alunos diferentes competências ao longo da jornada estudantil.

Buscando entender mais o documento, nota-se que o eixo oralidade, assim como os demais, são pontes para construir essas competências e que, mesmo com tanta diversidade de gêneros orais, é impossível abordar todos em um tempo pedagógico tão curto, havendo, portanto, a necessidade da seleção de quais gêneros trabalhar, levando-se em consideração a realidade sociocultural dos estudantes.

Além do mais, o indivíduo depara-se constantemente com diferentes gêneros orais, no entanto, nem sempre há a reflexão ou mesmo o reconhecimento daquela situação comunicativa a partir de um gênero oral, o que comprova a relevância do papel da escola no despertar dessa reflexão e no desenvolvimento desse conhecimento.

No documento, também, consegue-se notar que nos anos iniciais, o eixo oralidade está mais visível e recorrente, surgindo diante dele novas propostas de se entender o mundo, através da fala e da interação, ou seja, o melhor caminho para ingressar o sujeito em seu primeiro contato com a escola é a partir da oralidade.

O eixo oralidade, nessa etapa da educação básica, passa a ser o caminho inicial para conhecer novos horizontes e, possivelmente, novas descobertas, sendo assim, o eixo será desenvolvido nos momentos de novas interações, do saber escutar para, conseqüentemente, construir ideias e pensamentos e, assim, expressar esses conhecimentos por meio da fala em situações distintas.

As atividades vivenciadas na educação infantil são voltadas para a construção da imaginação através da contação de história, das relações que são feitas das palavras com os objetos e por meio dos desenhos, de maneira que as crianças vão começar a desenvolver suas argumentações, suas expressões corporais e faciais e, assim, criar suas próprias estratégias de fala e de pensamento.

O documento apresenta que devem ser vivenciadas atividades que prezem pela fala e escuta, potencializando a participação da criança na cultura oral, através de atividades como escuta de histórias, na participação de conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas

individualmente ou em grupo, na contação de histórias através de imagens ou temas sugeridos, produção de histórias orais e escritos de forma espontânea. De modo geral, essa fase trabalha com a oralidade para adentrar em outros eixos de aprendizagem, a oralidade acontece através da espontaneidade da fala e da escuta.

Em meio a essa discussão, vale aqui mencionar que nessa fase inicial da educação infantil relaciona-se com o que Bagno (2002) afirma sobre a educação linguística, a qual deve desenvolver habilidades de ler, escrever, falar e escutar sem deixar de lado os conhecimentos e experiências adquiridas no ambiente familiar, ou seja, o conhecimento de mundo do meu aluno. Em outras palavras, antes de estudar a gramática normativa de nossa língua deve-se primeiro aprender a ler, escrever, falar e escutar. Esse processo favorecerá o desenvolvimento da educação linguística, por meio de um ensino voltado para a interação social-histórico-cultural, analisando a língua em suas multiplicidades, a partir de suas variações linguísticas e de forma heterogenia e variável, no qual a bagagem cultural do aluno deve ser levada em consideração.

Como o próprio autor menciona, a criança, mesmo com a pouca idade, já carrega experiências e conhecimentos antes mesmo de ingressar na escola, cabe ao professor aceitar a bagagem de conhecimento que a criança possui e apresentar novos conhecimentos e experiências.

Seguindo esse pensamento, a BNCC mostra que a oralidade é o condutor para as novas interações com outras crianças e com o docente, e que esse primeiro contato é de suma importância para haver integração ao ambiente escolar. É nesse meio que a criança partilhará dos seus conhecimentos adquiridos anteriormente e, assim, relacionar-se-á com outras crianças, criando vínculos afetivos que acarretarão na troca de saberes, em saber lidar com o outro e com as realidades do cotidiano escolar, preparando-as para a próxima etapa da educação.

Nesta próxima etapa, que é a do ensino fundamental I, a BNCC apresenta que essa transição dará ao aluno novas experiências, mais complexas do que a anterior, nessa fase, a oralidade continua sendo utilizada como ponto de partida para as aulas língua portuguesa. O eixo em questão ganhará um caráter mais sistemático, partindo do estudo de gêneros textuais, já que, os alunos começarão a estudar, de forma mais detalhada, o gênero oral. O documento, então, dá sugestões de quais gêneros orais devem ser trabalhados nesse primeiro contato de transição, tal como, o relato oral, diante de registros formais e informais. O relato nessa vertente será utilizado como forma inicial de fazer uma ponte de conhecimento entre o aluno e o professor, pois o docente utilizará dos próprios relatos dos alunos, suas experiências, conhecimentos e vivências, fazendo com que eles reflitam sobre a função comunicativa desse gênero.

Outra forma apresentada pelo documento para se trabalhar com o eixo oralidade no fundamental I é a partir de contagem de história e produção de textos orais, que é muito relevante para a aprendizagem dos alunos. A contagem de história, nesse caso, pode envolver um mundo repleto de informações, conhecimentos e descobertas, inserindo, no contexto das aulas, histórias próprias dos alunos, histórias com as quais eles se identificam, histórias desconhecidas por eles que possibilitem descobertas, como também, um momento de interação com os outros colegas.

Como Bagno (2002) aponta, a interação é o primeiro caminho para a construção do conhecimento, é a partir dela que o sujeito consegue se expressar de forma espontânea, aprendendo ao longo do tempo a ser produtor de sua própria história, sendo capaz de interagir, refletir e pensar sobre o mundo a sua volta e, com isso, desenvolver suas estratégias de fala e escrita. É assim que se encaixa outro ponto muito pertinente que a BNCC apresenta; a produção de textos orais. O aluno, ao estar inserido em um contexto diferente do seu contexto familiar, construirá conhecimentos, ideais e conceitos para suas próprias produções de textos orais, planejando, adequando-se e refletindo sobre o que diz, para quem diz e sobre o que argumenta.

Dando continuidade a esse processo, no ensino fundamental II, o eixo oralidade já não vai estar tão presente e enfatizado como nas etapas anteriores, esse momento será de interligar o eixo oral com os demais eixos, leitura/escrita, produção de textos e análise linguística. No ensino fundamental II, destacam-se com maior ênfase os estudos dos gêneros escritos, da norma padrão da língua a partir de abordagens linguísticas, metalinguísticas e reflexivas, a favor das práticas de linguagem. Ou seja, a oralidade será abordada diante de um gênero textual específico seguindo abordagens linguísticas, percebendo as variações que a língua tem, suas multiplicidades e os contextos distintos.

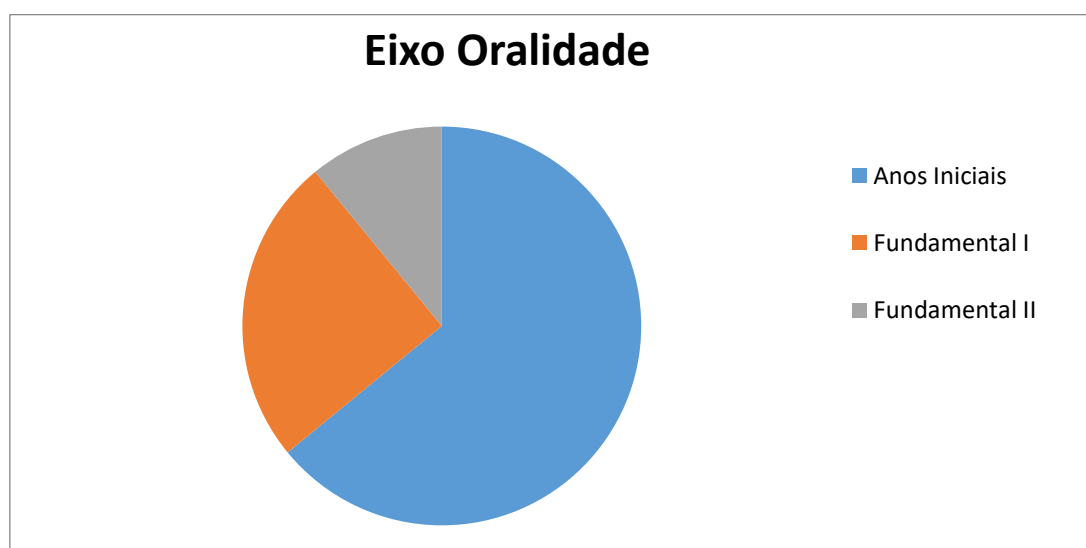
O eixo oralidade é tido como um suporte para se adentrar em outros eixos, em especial no eixo de análise linguística e produção de textos, nesse sentido, a oralidade deve levar em consideração todas as habilidades desses eixos, sendo trabalhados através de seminários, discussões, debates, mesa-redonda, entre outros.

O documento utiliza de uma boa estratégia nesse momento, pois, os alunos, nas etapas anteriores, já adquiriam certo conhecimento sobre o que são gêneros orais e suas diversidades, logo, começarão a relacionar os eixos trabalhados anteriores com os novos eixos presentes nesse momento. O aluno, no decorrer dessa etapa, deve perceber que a oralidade, assim como os outros eixos, é essencial não só para o ambiente escolar, mas também para as situações extraescolares.

Dado o exposto, quando se fala em práticas de linguagem, fala-se em oralidade, leitura/escuta, produção de textos, análise linguística. O eixo oralidade corresponde às práticas de linguagem de situação oral, considerando que os alunos desenvolvam, nessa etapa, condições para refletir sobre diferentes contextos, compreender textos orais, produzir textos pertinentes aos gêneros orais diversos, entender os efeitos de sentidos provocados pelos usos dos gêneros orais e conseguir fazer uma relação entre fala e escrita.

Seguindo esse viés, é considerável destacar que Soares (1999) defende que nas práticas de linguagem devem-se promover práticas de oralidade e de escrita que levem os discentes a identificar as relações entre elas, conseqüentemente, desenvolver habilidades de produzir e ouvir textos orais em diferentes gêneros e em diferentes funções, criando situações e contextos em que os alunos tenham oportunidade de pensar e refletir sobre os textos que leem, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de interação oral e escrita.

Em meio a essas discussões, o gráfico abaixo mostra o resulta da observação feita até o momento.



Fonte: produzido pelas autoras

De acordo com o gráfico exposto, nota-se que, ao longo dessa observação, o eixo oralidade está mais presente nos anos iniciais da educação. Como já mencionado, a oralidade, nesse momento inicial, é o primeiro passo da criança no contexto escolar, principalmente com as novas esferas de aprendizagem, é o momento de conhecer novos horizontes, de interagir e conviver com outras crianças da sua faixa etária e de desenvolver competências e habilidades. Já a parte representada em vermelho, apresenta que no ensino fundamental I o eixo oralidade continua sendo utilizado, mas perde um pouco do seu espaço para a entrada de outro eixo, o da leitura, mesmo assim, percebe-se que a oralidade ainda permanece como o eixo mais trabalhado



nessa fase. No ensino fundamental II, o eixo oralidade não está tão presente como nas etapas anteriores, essa nova fase leva-nos a refletir que outros eixos ganham força nessa etapa.

Em suma, percebe-se que mesmo em alguns momentos da educação básica a oralidade não esteja tão presente, não deixa de ser essencial e pertinente para o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos. Na seção quatro iremos finalizar nossas observações, concluindo a pesquisa aqui já apresentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi apresentado até o momento, concebe-se que a oralidade, assim como a escrita, é de fundamental importância para a vida dos indivíduos. Quanto à Base Nacional Comum Curricular, observou-se que a oralidade é o início de um caminho para o desenvolvimento da aprendizagem e de competências e que permitirá vivenciar e aprender a partir da oralidade.

Com isso, o referencial teórico apresentado busca levar à reflexão, a pensar em como a oralidade pode ser a chave para caminhar em práticas de linguagem que rodeiam o mundo e pode compreender que essas práticas precisam ser vivenciadas a partir das interações sociais, culturais e históricas, levando-se em consideração o contexto de cada uma delas. A oralidade, portanto, deve ser trabalhada em sala de aula desde os anos iniciais da educação, como apresenta o documento.

Em suma, este trabalho contribuiu para a reflexão sobre como se constrói o gênero oral a partir de cada etapa da educação, segundo a BNCC. A análise desse documento possibilitou notar que com o passar das etapas da educação básica, a oralidade está presente em cada uma delas, mesmo que em algumas fases ela não esteja tão enfatizada como em outras. A oralidade é, portanto, o início e o caminho para as grandes descobertas das práticas de linguagem e para o ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC Secretária de Educação Básica, 2017.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia da prescrição gramatical à educação linguística. In: **Língua Materna: Letramento, variação e ensino**. 2ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p. 13-58

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



DOLZ, J., NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: Gêneros orais e escritos na escola./ Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales. Campinas, SP: Mercado das letras, 2004.

_____ ; PASQUIER, G.; BRONCKART, J.P. **A aquisição do discurso**: emergência de uma competência ou aprendizagem de capacidades linguageiras diversas. Estudos de Linguística Aplicada, nº89. p.25-35, 1993.

MARCUSCHI, L.A. *et al* SIGNORINI, Inês. **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

_____. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. Gêneros textuais e ensino. 4ªed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SOARES, M. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 1999.

PRODANOV, C. FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.